Partido Socialista dos Trabalhadores Unificado

Ano IV nº 75
6/5/99 a 19/5/99
Contribuição R$ 1,50

FHC AVISA:

NÃO TEM EMPREGO NÃO TEM SALÁRIO

SÓ TEM GRANA PRA BANQUEIRO

FREDERICO RODRIGUES

30 de abril e 1º de maio em São Paulo: dezenas de milhares foram às ruas para dizer "Fora FHC e o FMI"

FREDERICO RODRIGUES

MOBILIZAÇÕES DE RUA TÊM QUE CONTINUAR

FREDERICO RODRIGUES

RENATO BENVENUTTI

ESPAÇO ABERTO

Veja aqui os principais trechos das conclusões e do veredicto do Tribunal da Dívida Externa.

Veredicto. O Tribunal da Dívida Externa reuniu-se nos dias 26 a 28 de abril de 1999, no Teatro João Caetano no Rio de Janeiro, Brasil, no local onde foi enforcado Tiradentes, herói e mártir da independência, na presença e com a participação de mil e duzentas pessoas de diversas partes do Brasil e diversos países do mundo. Promovido pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) e Cáritas, Conselho Nacional de Igrejas Cristãs (Conic), Coordenadoria Ecumênica de Serviços (Cese), Central de Movimentos Populares (CMP), Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra (MST) e o Instituto dos Advogados Brasileiros (IAB), com o apoio do Corecon/RJ, Senge/RJ, Sindecon/RJ, IERJ e PACS, o Tribunal teve como objetivos julgar o caso brasileiro da dívida externa e reforçar a Campanha do Jubileu 2000, em favor do cancelamento da dívida dos países de baixa renda e mais endividados.

A dívida externa brasileira, por ter sido constituída fora dos marcos legais nacionais e internacionais, e sem consulta à sociedade, por ter favorecido quase exclusivamente às elites em detrimento da maioria da população, e por ferir a soberania nacional, é injusta e insustentável, ética, jurídica e politicamente. Em termos substantivos, ela já foi paga e persiste apenas como um mecanismo de submissão e escravização da sociedade ao poder financeiro, da usura e da globalização do capital, e de transferência de riquezas para os credores. Por isso, este Tribunal condena o processo do endividamento brasileiro, que implica na subordinação aos interesses do capital financeiro internacional e dos países ricos, apoiados pelos organismos multilaterais, como iníquo e ilegítimo. Responsabiliza as elites dominantes pelo endividamento excessivo e por abdicarem de um projeto próprio de desenvolvimento para o Brasil. Responsabiliza os governos e políticos que apóiam e promovem o projeto de inserção subordinada do Brasil à economia globalizada. Responsabiliza os economistas, juristas, artistas e intelectuais que lhes dão embasamento técnico e ideológico. Responsabiliza a ditadura dos grandes meios de comunicação, que tentam legitimar a dívida e bloqueiam o debate sobre alternativas.

... O Tribunal propõe a todos os brasileiros e brasileiras os seguintes compromissos e estratégias de ação:

* Pela união de todos os povos em favor do cancelamento geral e irrestrito das dívidas externas dos países de baixa renda mais endividados e devolução das riquezas que lhes foram pilhadas, sem imposição de outras condições senão a da aplicação dos recursos poupados no resgate das dívidas sociais, sob o controle da própria sociedade e do pleno respeito aos direitos humanos de todos os cidadãos.

* Por uma moratória soberana, pelo rompimento do Acordo com o FMI e pela redefinição das dívidas com base nos resultados da auditoria e na afirmação da soberania nacional...

Rio de Janeiro,
Patíbulo de Tiradentes, 28 de abril de 1999

Escreva para o Opinião Socialista

Cartas: Rua Loefgreen, 909 - Vila Clementino - CEP 04040-030
São Paulo - SP
Fax: (011) 575-6093 **E-mail:** pstu@uol.com.br

O QUE SE VIU

Epitácio Passos

Sem-terra abrem faixa de 20 metros no centro de São Paulo no último dia 30. A manifestação nesse dia reuniu cerca de 10 mil pessoas entre professores estaduais, estudantes, trabalhadores, movimento popular, além dos sem-terra.

O QUE SE DISSE

"Quero fazer uma proposta para ser aprovada neste 1° de maio. Nós precisamos sair daqui com uma grande campanha nacional pelo Fora FHC e o FMI. Precisamos mobilizar para derrubar este governo. Quem estiver a favor desta proposta levante o braço."

Gilmar Mauro, da Coordenação Nacional do MST durante seu discurso no ato de 1° de maio em São Paulo. A proposta foi apoiada pelas 50 mil pessoas que participaram do ato.

"Com o fim da indexação dos salários, o mínimo perdeu a referência no mercado de trabalho. Esse reajuste mantém o poder de compra do salário... O governo não pode correr o risco de dar alguns reais a mais e ver depois a inflação aumentar."

Francisco Dornelles, ministro do Trabalho. Mas quando é para dar uns bilhões a mais para banqueiros o governo não pensa em "riscos". No jornal *O Globo*, em 1/5/99.

"O Brasil já superou as dificuldades e está no rumo do crescimento. A crise sacudiu o México em 95, a Ásia em 97, a Rússia em 98 e um pouquinho o Brasil em 99."

Trecho do discurso de FHC em visita a Fiesp junto com o presidente do México Ernesto Zedillo. Mais dois "pouquinhos" desses e não sobra ninguém aqui para contar a história. Na revista *Época*, em 3/5/99.

"Estou liquidado como homem, pai de família, empresário. Minha vida acabou. Mas alguém vai pagar por isso."

Salvatore Cacciola, dono do Marka. Na revista *Veja*, em 5/5/99.

"O governo FFH acabou porque extinguiram-se as ilusões que o sustentavam. O que foi consumo virou escassez. O renascimento, recessão. Enquanto havia divisas para torrar, tudo parecia funcionar, inclusive a promiscuidade do Banco Central com a turma do papelório. O baile acabou, mas a orquestra continua tocando, melancólica e desafinada."

Trecho do artigo do articulista Elio Gaspari, sobre a atual crise política. No jornal *Folha de S.Paulo*, em 28/4/99.

"Penso que alguém do governo deve se prontificar a dizer tudo o que acha. Pode ser o Malan, pode ser o Armínio, pode ser alguém do governo, que venha a se colocar espontaneamente à disposição."

ACM, que é governo, e que as vezes faz de conta que não é, expõe o tamanho da crise política. No jornal *O Estado de S.Paulo*, em 28/4/99.

EXPEDIENTE

Opinião Socialista é uma publicação quinzenal do Partido Socialista dos Trabalhadores Unificado. CGC 73282.907/000-64
Atividade principal 61.81.
Endereço: Rua Loefgreen, 909 - Vila Clementino - São Paulo-SP
CEP 04040-030.
Impressão: Artpress

JORNALISTA RESPONSÁVEL
Mariúcha Fontana (MTb14555)

CONSELHO EDITORIAL
Martiniano Cavalcanti, Júnia Gouveia, José Maria de Almeida, Valério Arcary e Carlos Bauer

EDIÇÃO
Fernando Silva

REDAÇÃO
Mariucha Fontana, Celso Lavorato, Marcelo Barba, Wilson H. da Silva, Estela Dominguez

DIAGRAMAÇÃO
Eduardo Lipo, Frederico Rodrigues

EDITORIAL

De baixo para cima

No meio da tormenta política que abala o país, FHC entrou em campo e está tentando uma operação abafa na CPI dos bancos. Não sabemos se terá êxito nesta empreitada, até porque, quando do fechamento desta edição, não estava claro quais seriam as repercussões do depoimento do deputado petista Aloísio Mercadante na CPI.

Mas, independente destes desdobramentos, o aspecto mais importante para ser analisado neste momento é que não pára de crescer entre os trabalhadores, os pobres da cidade e do campo, os estudantes, enfim, entre os de "baixo", a indignação e o sentimento de oposição ao governo. Isto é visível tanto pela análise das pesquisas de opinião como, e principalmente, no crescimento das manifestações de rua contra o governo. Os atos, marchas, passeatas e paralisações setoriais ocorridos na última semana de abril e que culminaram no 30 de abril, e no 1º de maio em São Paulo, foram significativos e superiores às ações realizadas no mês de março.

A palavra de ordem *Fora FHC* é uma consequência natural da indignação e por isso tem dado a tônica nas últimas manifestações, apesar das direções majoritárias do PT e da CUT, aliadas ao PCdoB, lutarem abertamente contra a perspectiva de mobilizar para derrubar o governo.

O *Fora FHC* vem de baixo para cima e o pior que poderia ocorrer agora é não haver uma continuidade nestas manifestações, que vêm crescendo desde março.

No ato de São Paulo, o representante do MST, além de propor e aprovar o Fora FHC e o FMI como campanha central dos trabalhadores, propôs também a realização de uma nova jornada de luta, com a realização de uma marcha a Brasília.

Esta proposta deve ser abraçada pelo Fórum Nacional de Lutas com a perspectiva de construírmos as condições para uma greve geral. Maio tem que ser também de luta, com um novo calendário e uma nova jornada de manifestações.

ANÁLISE

Proer das empresas

O governo, através do BNDES, resolveu criar o Proer das empresas privadas, ajudando-as a pagar as suas dívidas externas. Esta operação tem o objetivo político de costurar, nestes tempos de grave crise política, uma sólida unidade burguesa em torno do governo, acalmando os setores irritados com a "ajuda" quase exclusiva ao setor financeiro. Claro que os bancos não estão fora dessa. Afinal, Bradesco, Itaú, etc, são empresas privadas e tem papéis emitidos no exterior. Mas pelo menos agora, grandes grupos como, por exemplo, CSN, Globopar e Odebrechet vão participar da festa.

A nebulosa operação implicaria na troca dos títulos velhos das empresas privadas no exterior (empresas emitem papéis como garantia dos empréstimos que fazem) por novos títulos que seriam emitidos pelo BNDES, com prazo de 10 anos. Caso a empresa fique inadimplente, o BNDES dá a garantia de pagamento dos papéis, ou seja, da dívida externa das empresas, por dois anos. Para a emissão destes títulos, o BNDES criaria uma empresa com sede nas Ilhas Cayman. Portanto, nada de pagar impostos em transações financeiras, o que os capitalistas sempre dão um jeito de se livrar. Só que agora com a iniciativa escandalosa do governo.

Potencialmente a troca dos títulos velhos pelos novos pode significar que o BNDES irá desembolsar até US$ 22,5 bilhões. O banco jura que não fará acima de US$ 4 bi. Então tá!

Mais uma ação entre amigos patrocinada pelo governo FHC. Mais um ralo para escoar o dinheiro público, que poderia ser destinado para aliviar as já insuportáveis mazelas sociais que atingem a maioria da população.

OPINIÃO

Massacre e decadência

Marcelo Barba

Treze mortos e diversos feridos foi o resultado do massacre cometido por dois adolescentes norte-americanos na sua escola em Denver, Colorado. Os dois decidiram vingar-se por serem tratados como fracos, diferentes e esquisitos. Apesar de todas as matérias nos jornais, ninguém teve a coragem de perguntar que tipo de sociedade é esta que transforma jovens em genocidas e simpatizantes do nazismo?

A crise do capitalismo que estamos vivendo leva a um aumento incrível da exploração. Para dividir e governar, os capitalistas precisam evitar que os trabalhadores tenham uma consciência de classe. As novas técnicas de gerenciamento exigem que os trabalhadores entrem numa competição frenética entre si, e "esqueçam" que estão todos sendo explorados.

Entre a juventude, principalmente no sistema escolar americano, a realidade não é diferente. A necessidade de ser "popular", de não ser um looser (perdedor), leva ao isolamento e ao sentimento de impotência. Adicione-se a isto a hipocrisia da classe dominante norte-americana que se auto-denominou polícia do mundo. Clinton chorava os mortos do Colorado e, ao mesmo tempo, preparava os bombardeios do dia seguinte na Iugoslávia.

Pois é esta lógica de "donos do mundo", de propaganda contra os "diabólicos" inimigos (árabes, asiáticos, etc) que "merecem conhecer a força do aparato militar dos guardiães da paz", que produz maníacos como os adolescentes de Denver.

Será somente lutando contra este capitalismo em decadência que será possível evitar massacres deste tipo e o crescimento de ideologias racistas.

Renato Benvenutti

RÁPIDAS

◆ **Pesquisa** nacional de opinião realizada pelo **CNT-Vox Populi** nos dias 24 e 25 de abril, revelou que se as eleições presidenciais fossem hoje e FHC indicasse um candidato ele teria 65% de rejeição. Lula seria o preferido (30%), seguido de Itamar Franco (16%). A pesquisa constatou ainda que na avaliação do governo Fernando Henrique Cardoso, o índice de ruim e péssimo somados chega a 43%. O dobro do que era em dezembro de 1998.

◆ O novo **salário mínimo** de R$ 136 é uma completa provocação do governo (ainda mais se compararmos com as "ajudas" aos bancos e empresas). No Brasil existem 16,5 milhões de trabalhadores (22%) que ganham o mínimo. Cerca de 11,8 milhões de aposentados e pensionistas do INSS também têm que se virar com este "salário". Hoje, ele vale a miséria de 81 dólares (é a 2ª vez na história que o salário mínimo no Brasil fica abaixo dos 100 dólares).

◆ Dois **sem teto** foram executados em **Betim**, Minas Gerais, pela Polícia Militar durante confronto pela desocupação de um terreno da prefeitura ocupado por 200 famílias, dirigida por Jesus Lima, do PT. Isso todo mundo sabe. Mas uma pergunta precisa ser feita (e respondida): o que o Diretório Nacional do PT vai fazer com esse prefeito já que as evidências de que ele é o principal responsável pela ação da PM são fortes (para dizer o mínimo)?

◆ A pressão dos funcionários das **Centrais Elétricas Furnas**, que estavam em greve, e de diversas entidades já deu um primeiro resultado. Seis liminares impediram que fosse realizada a assembléia diretiva da empresa no último dia 29 de abril, que marcaria a data do leilão de privatização de Furnas. O governo já cassou as liminares e chegou a prometer que vai privatizar Furnas ainda em maio. A luta continuará com certeza.

◆ Outra ameaça de **demissão** em massa partindo de uma montadora. A **Mercedes-Benz** quer fechar 750 postos de trabalho na sua fábrica em São Bernardo do Campo. Ela abriu um PDV e diz que há 1,2 mil trabalhadores "excedentes". Os trabalhadores desta empresa rechaçaram um famigerado Plano de Gestão da Crise (que foi defendido pela comissão de fábrica) que, entre outras, arrancava o 13º. Agora, parece que a empresa está vindo para a retaliação.

ALAGOAS *Policiais civis entraram em greve geral*

"Nossa greve é por melhores salários"

Arquivo

Manifestação dos policiais em greve em Maceió

Alexandre Barbosa,
de Maceió

Os policiais civis do estado de Alagoas deflagram uma greve por tempo indeterminado para o atendimento de suas reivindicações.

Esta é a primeira greve que acontece no governo Ronaldo Lessa (PSB) e demonstra a falta de compromisso deste governo com os trabalhadores. Lessa insiste em estender o pires a FHC enquanto os trabalhadores sofrem com o atraso na folha de pagamento e com salários defasados.

Para saber mais sobre este movimento, fomos ouvir o companheiro Avelar, diretor do Sindicato dos Policiais Civis, membro do comando de greve. Nesta entrevista ele nos fala das reivindicações dos policiais, bem como as saídas apresentadas pela categoria para a crise do estado.

> **"Estado manda R$ 13 milhões por mês para FHC pagar banqueiro"**

Opinião Socialista – Quais são as principais reivindicações dos policiais civis nesta greve?

Avelar – Basicamente, a greve é motivada por questões salariais. Existe na polícia civil pessoas com o mesmo nível de qualificação com salários diferenciados. Uma de nossas reivindicações é a equiparação salarial. Além disto, a defasagem salarial é enorme. São anos sem aumento, o que levou a categoria a uma situação de miséria.

O.S. — Qual tem sido a postura do governador Ronaldo Lessa com a categoria?

Avelar – Já na campanha eleitoral, a categoria elaborou uma carta compromisso, contendo as nossas reivindicações e contatamos os candidatos exceto o candidato de FHC. Todos eles assinaram a carta, se comprometendo a atender estas reivindicações. Depois das eleições o sindicato procurou o governo no sentido de acelerar o processo do cumprimento das reivindicações. Mas ele não quis negociar. Sabemos das dificuldades perlas quais passam os governos estaduais frente a esta crise generalizada no país. Mas sabemos também que existe uma saída do ponto de vista dos trabalhadores e uma das coisas que a categoria não abre mão é que este governo decrete a moratória das suas dívidas junto ao governo federal.

O estado não pode ficar enviando cerca de R$ 13 milhões por mês para FHC remunerar banqueiros, enquanto a população alagoana passa por privações e a miséria cresce a cada dia.

Este dinheiro deveria ser investido na saúde, educação, segurança, moradia e geração de empregos. Este governo também deve romper o acordo com os usineiros do estado e fazer com que eles paguem os impostos que lhes cabem. Acreditamos que estas medidas são o mínimo que um governo que se diz socialista e de oposição a FHC deve tomar para atender as reivindicações mais urgentes da classe trabalhadora, que não pode pagar a conta desta crise. Este governador, rezando na cartilha de FHC, não tem nada de socialista.

> **"É difícil confiar no PT. São de esquerda, mas são governo"**

O.S. – Qual o apoio que este movimento tem recebido da população e das entidades do movimento como CUT e sindicatos?

Avelar – No tocante à população, o apoio tem sido grande, ou seja, nas nossas passeatas e manifestações, nosso movimento tem uma boa receptividade, aplaudem, participam. Entretanto, nós sabemos que é uma luta desleal. O governo tem toda a imprensa ao seu lado para intimidar os policiais e enganar a população. Quanto às entidades, muitas tem declarado o apoio, entretanto, não passam de palavras, ou seja, não é tomada nenhuma ação prática por parte da direção majoritária da CUT.

Os parlamentares de esquerda, sobretudo os do PT, ainda não deram seu apoio de forma declarada. No entanto, temos apoio de algumas entidades sindicais como o Sindicato Unificado de Químicos e Petroleiros, que tem dado uma grande contribuição.

O.S. – Em relação ao PT, talvez seja difícil o apoio pois eles estão no governo...

Avelar – Esse é o problema, o Partido dos Trabalhadores participa da administração Ronaldo Lessa. Então, fica difícil confiar no apoio. São de esquerda, mas são governo. Portanto, para que eles possam se colocar ao lado dos trabalhadores, têm que fazer uma opção de romper com este governo, entregar seus cargos de secretariado e comissão, e construir uma oposição a um governo que, até agora, só privilegia ricos e poderosos em detrimento da classe trabalhadora no estado.

ESTUDANTES

Abaixo os trotes violentos!

Euclides de Agrela,
de São Paulo

A morte de um estudante de medicina da USP durante a calourada deste ano, reabriu o debate sobre os trotes violentos.

A Juventude do PSTU condena os trotes violentos, por se tratarem de atividades que não só humilham, mas podem até matar. Por isso, defendemos a apuração e a punição dos responsáveis pela morte do aluno da USP.

Essas atividades, em geral, são obra da direita encastelada nas associações atléticas das faculdades. As organizações de esquerda sempre foram contra o trote violento e não só denunciam essa prática como enfrentam-se com ela.

Desmoralizar as entidades

No entanto, a mídia, o governo e as reitorias buscam hoje atacar o movimento estudantil e os partidos de esquerda, responsabilizando-os também por esta atividade. Isso porque sabem que o movimento estudantil pode e deve cumprir um papel de vanguarda na luta contra o governo FHC e o FMI. Querem desmoralizar os Diretórios Centrais de Estudantes, os Centros Acadêmicos, devido à resistência que empenham contra a reforma educacional.

Na semana passada, no entanto, a reitoria da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ) foi longe demais. O reitor da instituição, está movendo um processo administrativo contra vários estudantes por realizarem uma festa proibida pela reitoria onde a atividade mais "violenta" ocorrida não passou de uma "guerra de ovos". Entre os punidos encontram-se Flávio, Luciana e Márcio Mousse, todos diretores do DCE e da Juventude do PSTU.

Movimento estudantil livre!

Hoje, a reitoria da UERJ impede a realização de festas, amanhã a liberdade de reunião e organização. Não podemos deixar isso passar barato pois, se não ocorrer nenhuma reação do movimento, essa prática autoritária poderá se generalizar para todas as universidades! Conclamamos todos a se posicionarem contra as represálias ao movimento estudantil na UERJ. Abaixo a repressão! Em defesa do movimento estudantil livre! Unidade do movimento estudantil e de toda a esquerda contra o autoritarismo!

Manifestações de 30 de abril e 1º de maio ocorreram de norte a sul

Dezenas de milhares foram às ruas contra FHC

Fernando Silva,
da redação

Um dia nacional de manifestações contra o governo, com paralisações setoriais — como em diversas universidades federais (que em geral realizaram também atos internos), professores e/ou servidores de escolas estaduais (como em Santa Catarina e São Paulo), previdenciários (como os do Rio Grande do Sul) e marchas de sem-terra. Assim pode ser definido o 30 de abril. Somando-se os atos do 1º de maio, principalmente o de São Paulo, podemos dizer sem exagero, que nesta jornada dezenas de milhares de pessoas foram às ruas para protestar contra o governo FHC, o FMI, o indigno aumento do mínimo, o desemprego, por reforma agrária, contra as maracutaias do Banco Central. Enfim, contra todas as mazelas oriundas do governo FHC/FMI.

Merece ser destacada a presença dos sem-terra nesta jornada. Durante toda aquela semana, eles realizaram marchas, ocupações de agências bancárias, atos em cidades e estiveram, assim, na linha de frente das manifestações que culminaram nos atos do 30 de abril e 1º de maio.

Em geral, no dia 30, ocorreram fortes e combativas manifestações em praticamente todas as capitais do país (e que foram devidamente escondidas pelos grandes meios de comunicação, principalmente a televisão).

Mesmo assim, em São Paulo, por exemplo, a chegada da marcha dos sem-terra foi um acontecimento e pelo menos as rádios locais não puderam ignorar. Uniram-se a eles em manifestação, que terminou na Praça da República, mais de 5 mil professores e secundaristas da rede estadual, além de uma carreata de rodoviários e metroviários, estudantes universitários e servidores públicos em um total estimado de 10 mil pessoas. Uma manifestação vitoriosa, apesar do boicote da *Articulação Sindical*.

Outra importante constatação é que o *Fora FHC e o FMI* cresce como bandeira principal do movimento, em que pese não ser esta a política da direção majoritária da CUT e do PT, e tão pouco do PCdoB. A maioria das manifestações do 30 de abril tiveram diretamente este caráter como, por exemplo, em Vitória no Espírito Santo e em São Paulo.

1° de maio em São Paulo vota fora FHC e o FMI

Celso Lavorato,
de São Paulo

O ato do 1° de maio em São Paulo, em que os responsáveis pela sua organização calcularam a presença de 50 mil pessoas, abriu espaço para várias iniciativas criativas que apareceram no meio da multidão e que ajudaram a animar o ambiente. Enormes bonecos satirizando FHC e o FMI (que no final foram malhados feito judas) uma bateria de escola de samba, um enterro do governo com caixão e tudo, e pelo menos três bandeiras dos Estados Unidos devidamente queimadas.

Dos mais de vinte oradores representando diversas entidades dos movimentos sociais e partidos de oposição, apenas três ou quatro defenderam claramente uma campanha que tenha como eixo o fim do governo de FHC. Apesar disso, o clima geral da manifestação, nas bandeiras, nas faixas e nas palavras de ordem era pelo *Fora FHC!*

Um dos pontos mais altos da manifestação foi o discurso de Gilmar Mauro que, em nome do MST, propôs que a campanha pelo *Fora FHC e o FMI* fosse votada naquele ato como principal campanha do movimento. Com grande entusiasmo, as milhares de pessoas presentes levantaram os braços em sinal de aprovação. Gilmar apresentou ainda algumas propostas concretas de continuidade, como uma caravana a Brasília e ocupações de agências bancárias em todo o país. Ele também lembrou que o momento não é de ficar pensando nas eleições do ano 2000 ou 2002, que a hora é de mobilizar para derrubar o governo.

Outro ponto alto da manifestação foi o encerramento do discurso do companheiro Zé Maria do PSTU. Ele puxou a palavra de ordem *Fora já, fora já daqui, o FHC e o FMI*, sendo seguido pela esmagadora maioria dos presentes.

Lula foi o último a falar e foi o orador recebido com maior entusiasmo. Localizou no seu discurso o que significaria suportar mais quatro anos de FHC e defendeu a necessidade de continuarmos com o movimento. No entanto, o seu discurso ficou pela metade ao não defender o fim do governo. Isto custou-lhe um encerramento com menos entusiasmo do que a sua entrada.

Este ato foi parte de um movimento muito maior, que levou milhares às ruas em todo o país entre os dias 21 de abril (Minas Gerais), 30 de abril (na maioria dos estados) e 1° de maio (São Paulo).

No dia 10 de maio, o Fórum Nacional de Lutas realizará em São Paulo uma plenária para fazer um balanço e definir os próximos passos. O debate político que já está colocado no interior deste fórum é sobre se ele dará (ou não) continuidade ao movimento, construindo um novo calendário de lutas, e se assumirá (ou não) a campanha pelo *Fora FHC e o FMI*.

Arquivo

Renato Benvenutti

Acima, manifestação de 21 de abril em Ouro Preto, à esquerda, 30 de abril em São Paulo, e à direita, 1° de maio em São Paulo

Renato Benvenutti

MARACUTAIA

Mar de lama: FHC é pior que Collor

Mariúcha Fontana,
da redação

Sob o governo FHC existe, com certeza, o maior nível de corrupção de toda história do país. Perto desse governo, como escreveu um dia desses um editorialista do *Jornal do Brasil*, "*Adhemar de Barros, Newton Cardoso, Orestes Quércia, pelo jeito são santos de altar. PC Farias, um anjo que está no céu*".

A doação de R$ 1,5 bilhão dos cofres públicos a Cacciola, do banco Marka, e os US$ 1,6 milhão do ex-presidente do BC, Chico Lopes, depositados numa conta no exterior, são só a ponta do *iceberg* no amplo e agitado mar de lama que envolve o Banco Central, a equipe econômica e o governo de FHC.

Oficialmente, o BC admite que só no mercado futuro de dólar – pós-desvalorização – se esvaíram dos cofres públicos R$ 7,6 bilhões. O BC perdeu essa grana porque se comprometeu a vender barato, em datas futuras, dólar que ficou muito mais caro após a desvalorização do Real.

Agora sabemos, que grandes bancos – estrangeiros boa parte deles – tiveram informações tão seguras sobre a desvalorização do Real que apostaram nela centenas de milhões de dólares. Esses bancos ganharam – oficialmente – com a subida do dólar, R$ 3,98 bilhões em janeiro; R$ 4,7 bilhões em fevereiro e R$ 4,64 bilhões em março. Tiveram neste trimestre duas vezes e meia o lucro de todo ano de 1998.

As cifras de cada escândalo que aparece nesse governo são tão grandes que a ampla maioria do povo não consegue nem ter a dimensão do roubo. A CPI do PC e de Collor, por exemplo, provou que estes tinham extorquido R$ 1,5 bi de propinas, ou seja, o que Cacciola levou em algumas horas. Só este banqueiro ganhou em um dia quase três vezes mais do que FHC diz que vai custar aos cofres da Previdência o insulto de 6 reais de aumento do mínimo – que deverá ser pago a 12 milhões de pessoas. O confisco de 20% nos salários dos aposentados e dos trabalhadores do serviço público que, segundo o governo, renderá R$ 1,2 bilhões ao seu "ajuste fiscal" não deu para bancar a farra de um desconhecido banqueiro, chamado Cacciola.

Oscar Cabral
O banqueiro Salvatore Cacciola

Mas esse é só um peixinho, um lambari, perto dos tubarões beneficiados nas negociatas do BC e da equipe econômica. Só neste episódio da desvalorização do câmbio, alguns bancos ganharam quase que uma Telebrás.

Se houvesse uma devassa nas contas do Banco Central e do BNDES, e uma auditoria séria sobre as privatizações, não sobraria um tucano fora da cadeia, a começar do presidente Fernando Henrique. E, de quebra, seria arrastado o PFL, o PMDB e o PPB.

É forçoso reconhecer que a turma do "rouba, mas faz" — Celso Pitta e Maluf —, que já deveriam estar atrás das grades faz tempo, são ladrões de galinha perto do alto escalão do governo FHC.

Governo é dos banqueiros

Calcula-se que nestes anos de governo FHC foram transferidos US$ 300 bilhões para os bolsos dos banqueiros e especuladores (que não são só banqueiros, mas também grandes empresários).

Com a desvalorização do Real em janeiro, o governo teve um prejuízo de R$ 102 bilhões. A dívida interna (títulos do governo em mãos de banqueiros, especuladores e grandes empresários, sobre os quais ele paga mais de 30% de juros) cresceu em mais de R$ 47 bilhões, pois 20% do total da mesma era composta por títulos cambiais: títulos que além de garantir mais de 30% de juros, garantiam também que, se houvesse desvalorização do dólar, o governo cobriria a mesma. E a dívida externa (empréstimos em dólares do governo) ficou 47,172 bilhões mais cara em reais.

Nos últimos cinco anos, a dívida externa pulou de US$ 148 bi para US$ 235 bilhões e, segundo dados do Tribunal da Dívida Externa, o Brasil pagou US$ 126 bilhões de juros e parcelas da mesma. A dívida interna foi e é outra fonte de transferência de dinheiro público para os banqueiros: 43% das receitas dos bancos estrangeiros instalados no Brasil vêm do recebimento de juros da dívida interna. Só com os juros dessas duas dívidas o governo FHC gasta 65% do Orçamento da União.

Mas se só as dívidas externa e interna transferem bilhões para os banqueiros e as maracutaias (via informação privilegiada dos altos escalões do governo), com câmbio e também com juros, produzem rombos astronômicos no Tesouro Nacional e fazem a festa dos especuladores, o favorecimento a eles não para por aí.

O Proer – outra maracutaia enorme – significou a doação, a fundo perdido, de R$ 20,8 bilhões a banqueiros falidos. Só o Banco Nacional – dos Magalhães Pinto, pais da nora de FHC – levou R$ 5,9 bi. As falcatruas dos então "falidos" –como as de Cacciola hoje – não deram em cadeia para nenhum deles. Ao contrário, todos seguem com suas mansões e jatinhos e com contas polpudas no exterior: como Calmon de Sá, ex-dono do Econômico, que um dia antes da intervenção do Banco Central sacou e mandou para fora do país R$ 500 milhões.

◆ **Os maiores ganhos no trimestre**
(Resultados em R$ milhões, acumulados)

Bancos	Março	Fevereiro	Janeiro	1998
Banco do Brasil	556,50	303,87	225,21	627
Itaú	528,85	312,89	253,92	880,00
Chase Manhattan	312,75	368,46	310,12	71,09
Morgan Guaranty Trust	281,52	267,29	275,96	51,28
BBA - Creditanstalt	258,14	252,39	248,81	137
Citibank	251,37	223,99	258,18	103,35
J. P. Morgan	243,61	216,74	193,49	101,36
Multi BCO	110,19	103,30	142,46	33,91
Bilbao Vizcaya Brasil	100,47	86,64	10,22	-1067
Matrix	98,21	86,58	77,40	29,67
Icatu	98,14	148,17	138,66	45,04
Deutsche Bank	96,75	75,15	70,35	22,03

Fonte: Sisbacen

Mamata nas privatizações

As privatizações foram outra fonte polpuda de transferência de dinheiro para especuladores, banqueiros e também grandes empresários: além de levarem patrimônio público a preço de banana, na maioria dos casos o BNDES (com dinheiro público) emprestou o dinheiro (a juros de pai para filho) para que os grandes oligopólios, bancos e fundos de investimento levassem as estatais. É só lembrar do escândalo dos grampos e das maracutaias do ex-ministro das Comunicações — Mendonça de Barros e do ex-presidente do BNDES, André Lara Resende e dos esquemas de favorecimento para o banco Opportunity, do ex-presidente do Banco Central, Persio Arida.

Esse último, diga-se de passagem, em março de 1995 – numa outra mudança do câmbio, uma pequena e controlada desvalorização do real – passou informação de que esta ocorreria a seu ex-sócio do Banco BBA que, na época, deu um desfalque de R$ 2 bilhões aos cofres do Banco Central e ficou 2 bi mais rico. (M.F.)

Como funciona a corrupção

Nessa jogatina da especulação financeira, da qual participam grandes empresas, bancos, fundos de investimentos, corretoras de valores, etc., a imoralidade e a corrupção são inerentes. Além do roubo legalizado (dívida externa, interna, privatizações, etc) há, pelo menos, dois outros tipos de roubo.

O primeiro é via informação privilegiada. Na caso da BM&F (Bolsa de Mercadorias e Futuro) são feitas apostas – através de contratos de compra ou de venda – sobre o valor que terá o dólar, ou a taxa de juros, ou mesmo o preço de algumas mercadorias em um ou mais meses. Quem tem informação de dentro do governo sobre quando e quanto será o aumento ou queda dos juros e também do dólar vai ter lucro certo.

Também na Bolsa de Valores informação privilegiada dá muito dinheiro. Por exemplo, a corretora dos filhos do ex-Ministro das Comunicações – Mendonça de Barros – transformou-se, em pouco mais de um ano, na sexta corretora em volume de operações na BM&F, superando corretoras de bancos como Itaú, Citibank e Bradesco. Ela é também uma das mais importantes na atuação da Bolsa de Valores de São Paulo e tinha na sua carteira de investimentos ações da Telebrás. O pai deles era simplesmente o responsável pela privatização da Telebrás.

Outra maracutaia são os Fundos de Investimento. Alguns deles tiveram rentabilidade de mais de 1.300%, muito superior à variação do dólar em janeiro. Esses fundos – de especulação pura – podem, com US$ 1, por exemplo, "comprar" US$ 4 no futuro. Se o especulador acerta na aposta, e o dólar se valoriza, por exemplo, 100%, ele ganha mais US$ 4, senão ele perde US$ 1. Mas, suspeita-se que os bancos brasileiros e estrangeiros presentes no país teriam aplicado nos fundos de capital estrangeiro, para não pagar os 20% de Imposto de Renda que incide sobre os lucros dos capitais nacionais.

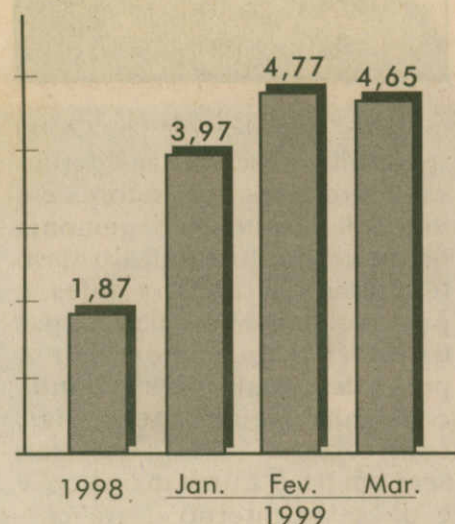
Essa é outra maracutaia (semi-legalizada): o Banco Central tem um dispositivo chamado CC-5 que permite contas bancárias livres mantidas no Brasil por empresas financeiras com sede no exterior. Esse mecanismo facilita a remessa irregular e ilegal, via paraísos fiscais, de todo tipo de dinheiro proveniente de corrupção, a Caixa 2. Os reais são transformados em dólares e voam pra fora sem pagar imposto. É por aí que saíram, e estão lá fora, US$ 43 bilhões de empresários e banqueiros brasileiros.

Aliás, outra maracutaia é que os bancos com esse tipo de truque não declaram seu lucro real e sonegam impostos para valer. (M.F.)

◆ **Lucro dos bancos 98-99**
(em R$ bilhões, acumulado)

Fonte: Banco Central

Paulo Jares

O ex-presidente do BC, Francisco Lopes com seu sócio Sergio Bragança

Chega de bandalheira!

Fernando Henrique está tentando abafar e transformar em pizza a CPI dos Bancos porque sabe que todo seu governo está enterrado até o pescoço na lama. Até de Cacciola ele recebeu dinheiro para sua campanha eleitoral e é impossível que ele não saiba da promiscuidade existente entre o BC, o Ministério da Fazenda e os banqueiros.

Afinal é ele quem nomeia os presidentes do BC, bem como toda sua equipe econômica, na qual só existem banqueiros, especuladores, donos de corretoras e consultoria. Todos eles vinculados a banqueiros ou organismos financeiros internacionais. Esse é mais um motivo para botar pra fora esse governo.

É preciso exigir investigação para valer no BC e em todo sistema financeiro, bem como confisco dos bens e cadeia para todos os envolvidos.

É preciso também para de pagar as dívidas externa e interna para os agiotas.

E é preciso, por fim, estatizar o sistema financeiro e colocá-lo sob controle dos trabalhadores.

Os especuladores dominam

Jonas Potiguar,
de São Paulo

As bolsas de valores são uma espécie de supermercado onde as mercadorias vendidas são partes (ações) das empresas. Antigamente, cada empresa era de uma família. Com a necessidade de crescer em um ritmo acelerado, para enfrentar a concorrência dos outros capitalistas, cada empresa se abriu, transformando parte de seu patrimônio em ações, que eram compradas por outro capitalista. Daí surgiram as *Sociedades Anônimas*.

A Bolsa de Valores surgiu para realizar vendas e compras de partes destas empresas. São os locais onde os capitalistas compram ou vendem suas ações.

O valor das ações de uma empresa, em última instância, tem a ver com a "saúde" da empresa. Se ela explora bastante seus operários e trabalhadores e com isso realiza um bom lucro, cada vez mais capitalistas vão querer comprar ações desta empresa e tornarem-se sócios dela, pois a cada ano ele recebe uma parte dos lucros desta empresa na forma de dividendos. Se ela está mal das pernas, com queda na sua taxa média de lucros, perda de competitividade, seus "sócios" tentam vender suas partes (ações) para não terem prejuízo.

As bolsas de valores, assim como o mercado de moedas (mercado de câmbio), funcionaram assim no período de desenvolvimento capitalista, até o início desse século. Com o tempo, as Bolsas de Valores foram se sofisticando e surgiram várias instituições financeiras que trabalham com ações: bancos e corretoras especializadas em trabalhar na Bolsa de Valores e no mercado de câmbio. Com a decadência capitalista, surgiu a especulação e com ela um outro "investidor": o especulador. Agora, existem até corretoras que trabalham com seguro para o investimentos de risco (Hedge) e há quem aposte pura e simplesmente em quanto estará valendo a moeda no futuro.

O especulador compra ações e moedas apenas para revendê-las posteriormente. Se o preço das ações e moedas subirem, ele vai ganhar com isso. O especulador executa movimentos rápidos de compra e venda. Hoje, as bolsas e o mercado de câmbio (moedas) estão dominadas pelos especuladores.

Hoje, o que está prevalecendo não é o desenvolvimento sustentado da produção de mercadorias e riquezas, mas a especulação. Há, portanto, uma supervalorização artificial nas bolsas: basta ver os preços das 3.057 empresas registradas na Bolsa de Valores de Nova York. O valor real destas empresas, em agosto de 1998, era de US$ 4,7 trilhões, enquanto que na Bolsa estavam valendo US$ 9,2 trilhões.

Cedo ou tarde, essa massa de papéis sem lastro real têm que enfrentar a realidade dos lucros e da produção em queda e se desvalorizará abruptamente. O sistema capitalista internacional (corrupto por sua própria natureza), que, para salvar um punhado de parasitas, joga o mundo na miséria mais absoluta, está em decomposição.

"Podemos ganhar eleição na Apeoesp"

Sindicato é pra lutar". *Com esse grito de guerra, mais de 200 professores da rede estadual de São Paulo lançaram a chapa* **Oposição Alternativa** *para concorrer às próximas eleições da Apeoesp, o Sindicato dos Professores da rede estadual de São Paulo, no próximo dia 18 de junho. A convenção da* **Oposição Alternativa** *escolheu para a diretoria colegiada executiva da entidade 23 nomes que expressam a unidade das tendências cutistas* **Movimento por uma Tendência Socialista,** Alternativa Sindical Socialista, O Trabalho *e diversos setores independentes que querem pôr um fim no reinado de imobilismo da* Articulação, *a frente de um dos maiores sindicatos da CUT em todo o país, com 190 mil professores na base e 160 mil filiados à entidade. Desta vez, as possibilidades da Oposição são boas já que a* Articulação *rachou e tudo indica que irá disputar a eleição com duas chapas, que praticamente dividiriam a diretoria do sindicato ao meio.*

Para nos falar destas eleições, da crise do sindicato e das possibilidades da Oposição, o **Opinião Socialista** *entrevistou Edgard Fernandes Neto, membro da chapa* **Oposição Alternativa**. *Edgard é professor da rede estadual há 24 anos, é também membro da executiva da Confederação Nacional dos Trabalhadores da Educação (CNTE) e militante do* **PSTU**.

Sergio Koei

Convenção da Oposição Alternativa. No destaque, Edgard

Opinião Socialista – Há uma fato novo nestas eleições que é a divisão da diretoria do Sindicato. É bastante provável que pela primeira vez duas chapas da Articulação **concorram as eleições. Por que na sua opinião isso aconteceu?**

Edgard – Começou um desgaste sério da diretoria desde que houve a vitória de Covas e uma violenta ofensiva sobre conquistas e direitos da categoria. Os professores, que lutaram sem parar por mais de 15 anos, foram derrotados por esta ofensiva neoliberal na Educação.

Os ataques como a reestruturação da rede — que resultou em 30 mil demissões —, a mudança da grade, a municipalização, o arrocho nos salários, e o consequente aumento absurdo da jornada do professor que acaba indo dar aulas também no município e na rede particular para sobreviver, nos colocaram numa grande defensiva, com pouco poder de fogo para responder os ataques de Covas.

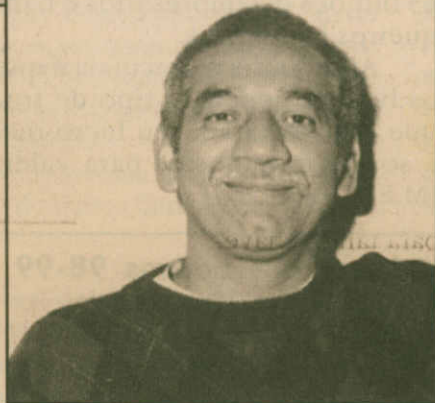
O.S. – Qual foi a responsabilidade do Sindicato nisso?

Edgard – Nunca prepararam a categoria para resistir a estes ataques ou para, a partir de algum nível de mobilização ou de um processo real de resistência, barrarmos ou ao menos arrancarmos alguma negociação minimamente favorável. Em processos como o da reestruturação da rede fomos derrotados sem lutar.

"A diretoria nunca preparou a categoria para enfrentar Covas"

Ao mesmo tempo, a diretoria iniciou um violento ataque para burocratizar a estrutura do sindicato, com mudanças estatutárias que vêm ocorrendo nos últimos Congressos e que podem ser resumidas em: aumentar o poder da direção da entidade, restringir a participação da base e transformar o sindicato numa gigantesca entidade que priorize o atendimento assistencial.

O.S. – O desgaste da diretoria perante a categoria acabou então provocando a crise e a divisão?

Edgard – Não apenas isso. Pesou muito a derrota dos seus candidatos nas últimas eleições. Bia Pardi, que era deputada estadual do PT e encabeça o setor dissidente da *Articulação*, e Roberto Felício, presidente da Apeoesp, concorreram para deputado estadual pelo PT e nem um dos dois foi eleito. Como resultado, cresceram as diferenças entre estes dois setores e a luta pela disputa da hegemonia no aparelho do sindicato. Isso terminou em divisão deles e provavelmente em duas chapas da *Articulação*, embora não se possa descartar que eles ainda consigam a reunificação. Mas, com certeza, se isso ocorrer, será em base a uma maior crise e desgaste interno desta corrente.

O.S. – E agora? Quais são as perspectivas da Oposição Alternativa?

Edgard – Com a divisão da diretoria, está aberta a possibilidade real de disputarmos a direção da entidade. Nossa chapa é uma resposta ao imobilismo da *Articulação* diante dos ataques e do desmonte da educação pública sob FHC e Covas. Por isso é que a nossa chapa luta também para colocar a Apeoesp na luta pelo *Fora FHC e o FMI*. Nossa chapa é também uma resposta ao processo de burocratização do Sindicato, que o está transformando em uma entidade distante da categoria e muito próximo da lógica de pressão institucional e negociação pela negociação.

"A nossa chapa é uma resposta ao imobilismo da Articulação"

SECUNDARISTAS

Debate político polariza congressos

Luis Fernando, membro da Executiva da UBES

No dia 1º de maio, com a presença de 200 delegados, aconteceu em Belo Horizonte o 2º Congresso da União Municipal dos Estudantes Secundaristas (UMES). Os estudantes estavam polarizados entre as teses Reviravolta (estudantes independentes e do PSTU) e Só apenas começamos, da União da Juventude Socialista (UJS).

O principal debate foi em torno da contra o governo FHC, ou seja, se o eixo das manifestações deveria ser Fora FHC ou Chega de FHC.

A outra polêmica foi sobre qual posição a UMES assumiria frente aos governos estadual e municipal de Itamar e Célio de Castro (PSB). A tese Reviravolta defendeu que os estudantes não deveriam depositar nenhuma confiança nestes governos, e que deveriam fazer grandes mobilizações para exigir da prefeitura o passe livre nos ônibus para os estudantes. Mesmo sendo um setor minoritario do Congresso, os estudantes de Reviravolta conseguiram polarizar o debate e arrancar 23% dos votos na eleição para a Diretoria da entidade com a chapa Fora FHC e Passe Livre Já! A chapa da UJS obteve 77%.

No Rio, intervenção do Estado

Situação parecida ocurreu no Congresso da Associação Municipal dos Estudantes Secundaristas do Rio de Janeiro, realizado nos dias 23 e 24 de abril. Aqui houve a incomoda intervenção da Secretaria de Educação do Estado, que determinou a eleição de delegados através das diretorias das escolas sem nenhuma discussão política.

O debate no Congresso demarcou rapidamente dois campos. Um formado pelas teses Reviravolta e Tá na Hora da Virada (esquerda petista), o outro bloco era formado pela UJS, PDT, PSB e Articulação do PT.

Ao final do congresso, o bloco majoritário (o da UJS e aliados) obteve 330 votos. A chapa do bloco de esquerda obteve 63. De positivo, a consolidação do bloco de esquerda no Rio de Janeiro.

Caravelas de Cabral deram lugar a missões do FMI

Exploração colonial faz 500 anos

Alvaro Bianchi,
membro do Conselho editorial da revista Outubro

Falta um ano para o 500º aniversário da chegada de Pedro Alvares Cabral ao Brasil. A data não é a marca de uma descoberta. Tribos indígenas já viviam nestas terras há muito. O que está sendo festejado, na verdade, são os 500 anos da exploração colonial. É o aniversário de um saque que há cinco séculos vem sendo realizado de maneira sistemática por velhos e modernos impérios coloniais.

Que o governo e a Rede Globo comemorem a data dá uma mostra da subserviência da burguesia brasileira. Domesticadas e dependentes, as classes dominantes nacionais sempre aceitaram a dominação estrangeira como o meio mais fácil de garantir a sobrevivência. Associaram-se a elas, abrindo mão de qualquer projeto nacional autônomo em troca de algumas poucas migalhas. Agora festejam 500 anos de covardia e acomodação.

No ano em que os meios oficiais comemoram a chegada dos portugueses ao Brasil, muito tem se discutido sobre quem e quando realmente desembarcou aqui primeiro. Os livros de história sempre registram Cabral, mas hoje sabe-se que o português Duarte Pacheco Pereira pode ter desembarcado aqui em 1498 e inspecionado o litoral brasileiro entre o Maranhão e o Pará. O importante não é, entretanto, quem fez a "descoberta", mas por que ela foi feita.

O motivo para os portugueses se lançarem por mares nunca antes navegados foi a busca de riquezas (ouro, pedras preciosas e especiarias, como o açúcar e a pimenta). Queriam, também, encontrar um novo caminho para a Índia, país com o qual a Europa mantinha um lucrativo comércio.

Justificando o empreendimento português estava a doutrina econômica da época: o mercantilismo. Os mercantilistas baseavam sua doutrina na idéia de que os ganhos de um Estado eram decorrentes da transferência de riqueza através do comércio. Assim, tudo o que um país ganhava, outro perdia. Para garantir os ganhos era preciso atrair, através de uma balança comercial favorável, a maior quantidade de metais preciosos. O monopólio do comércio das colônias pela metrópole era, para tanto, chave.

Gravura do século 16 retratando colonização da América

Durante cerca de três séculos, Portugal exerceu esse monopólio. Tinha a exclusividade para a aquisição de produtos brasileiros, como o açúcar, o fumo, o ouro e as pedras preciosas. A economia colonial foi organizada de maneira a atender a demanda da metrópole por essas mercadorias. Imperou, assim, pelo menos até a descoberta de metais preciosos, o cultivo de um único produto em grandes latifúndios. A produção desses latifúndios estava baseada na utilização em grande escala de mão-de-obra escrava e era destinada ao mercado externo.

O monopólio na compra desses produtos permitia a Portugal empurrar seus preços para baixo. Depois eles eram vendidos aos preços do mercado europeu, gerando elevados lucros. A metrópole também ganhava adquirindo no mercado europeu os produtos necessários para o consumo da colônia e revendendo-os no Brasil a preços exorbitantes.

Foi este mecanismo, denominado na época "exclusivo colonial", que garantiu uma elevada e permanente transferência de riquezas da colônia para a metrópole, acelerando a acumulação de capital comercial pela burguesia mercantil portuguesa.

Impérios modernos continuam o saque

Apesar da distância que existe entre o mercantilismo e o moderno imperialismo, não deixam de surpreender os pontos em comum. Assim como Portugal assentou sua economia na exploração colonial, os Estados Unidos e os modernos impérios saqueiam permanentemente países como o Brasil, apropriando-se de riquezas aqui criadas.

Os mecanismos dessa exploração mudaram com o tempo. Ficaram mais sutis e eficazes. As idéias mercantilistas foram ultrapassadas e substituídas. Hoje seu lugar é ocupado pelas propostas neoliberais. Ao invés do "exclusivo colonial", os modernos impérios defendem o "livre comércio", o fim das barreiras alfandegárias que limitem as importações, a desregulamentação dos mercados financeiros e as privatizações de empresas estatais.

Aos lucros originários de comércio desigual somaram-se aqueles provenientes das atividades produtivas exercidas diretamente através das empresas transnacionais e os ganhos obtidos com a especulação financeira. A superexploração dos trabalhadores brasileiros alimenta esses ganhos, permitindo a apropriação pelo imperialismo de grandes massas de riquezas.

É essa transferência de riquezas que faz com que as principais potências imperialistas, que representam apenas 15% da população mundial, controlem, perto de 80% da renda global. Enquanto isso, os países dominados, com 58% da população do planeta, detêm aproximadamente 4,9% da renda mundial.

Através da ação de organismos internacionais, como o Banco Mundial e o FMI, o imperialismo exerce uma cruel chantagem econômica sobre os países subalternos, recusando empréstimos quando estes não aplicam suas receitas. Quando a dominação através desses organismos não é eficaz, resta o recurso à intervenção militar, como na recente ação militar da Otan nos Balcãs. A chantagem econômica e o poderio militar norte-americano são as armas dos modernos impérios para garantir a exploração colonial do restante do mundo. (A.B.)

O que você pode ler

Para entender o descobrimento do Brasil e a colonização portuguesa o livro de Boris Fausto, *História do Brasil* (Editora da Universidade de São Paulo) é uma boa dica.

Uma análise detalhada do sistema colonial pode ser encontrada em *Portugal e Brasil na crise do antigo sistema colonial* (editora Hucitec), de Fernando Novais.

Os livros de Caio Prado Jr., *Formação do Brasil contemporâneo* e *História econômica do Brasil*, ambos da editora Brasiliense, continuam sendo essenciais.

Para estudar a moderna exploração imperialista nada melhor que começar com o texto clássico de Lenin, *Imperialismo fase superior do capitalismo* (editora Global). Mas não fique por aí. Aproveite o embalo e leia *A mundialização do capital* (Xamã Editora), de François Chesnais, obra fundamental para entender o imperialismo contemporâneo.

PARAGUAI *Novo governo de unidade nacional quer ficar no poder até 2003*

Depois da rebelião, a grande negociação

Reuters

Manifestante ferido durante protestos que derrubaram Cubas

Estela Domínguez,
da redação

A grande rebelião popular no Paraguai, após o assassinato do vice-presidente Luis Argaña, conseguiu a renúncia do presidente Raul Cubas, aliado do general golpista Lino Oviedo, e mandou os dois para fora do país. Mais de um mês depois da queda de Cubas, tudo indica que o assassinato de Argaña foi produto de uma má jogada política de Oviedo e do próprio ex-presidente. O general estava na prisão cumprindo uma pena de 10 anos, o ex-presidente o libertou.

A partir daí, cogitava-se o *impeachment* do Raul Cubas, e caso ele fosse obrigado a renunciar, assumiria o vice Argaña, o principal opositor burguês de Oviedo-Cubas e que, de quebra, controlava o aparelho do Partido Colorado (partido que está no poder há 52 anos, mas hoje encontra-se dilacerado em diversas frações).

Morto Argaña, assumiu o presidente do Congresso Nacional, Luis González Macchi. Este, agora, parece ter abandonado qualquer perspectiva de convocação de novas eleições e garante que vai governar até 2003. O novo governo é de unidade nacional burguesa. A nova distribuição de cargos garantiu a representação dos partidos da "oposição", o Partido Liberal Radical Autêntico (PLRA) e o Encontro Nacional.

Muitos dirigentes sindicais estão negociando cargos. O Ministério da Justiça e do Trabalho foi para S. Ferreira, um ex-dirigente da CUT, e hoje membro do Encontro Nacional. A juventude, que estava na linha de frente dos protestos pela renúncia de Cubas, dividiu-se e um setor entrou no governo com direito a Ministério.

Mas claro está que os chamados "Barões de Itaipú" continuam no poder: o ministro de Indústria e Comércio é Caballero Vargas, um grande empresário. A Federação da Produção, Indústrias e Comércio já declarou o total apoio às medidas econômicas anunciadas pelo governo.

"Barões de Itaipú" continuam no poder com novo governo

Apesar de um discurso "nacionalista" (não vai privatizar as empresas públicas, mas terceirizar os serviços) e de promessas de reativação da economia, o novo governo conta com o apoio de todas as classes proprietárias e do imperialismo.

Por outro lado, o governo já começa a se justificar perante às exigências populares por justiça, fim da impunidade, saída dos oviedistas do Estado, punição dos responsáveis pela repressão aos manifestantes e extradição do golpista Lino Oviedo e de Raul Cubas.

O governo diz que é favorável à justiça mas contrário à "vingança"... Sem dúvida, qualquer cautela na aplicação das novas medidas políticas e econômicas é pouca. Este governo de unidade nacional é produto de uma verdadeira revolução espontânea protagonizada por um amplo movimento de massas. A "estabilização" não será fácil caso pretenda continuar fazendo com que os pobres paguem a conta.

"Uma autêntica revolução espontânea"

O movimento Vigilantes pela Democracia, integrado na sua maioria pela juventude, continua fazendo uma vigília na praça pública reivindicando que todos os oviedistas saíam do Congresso Nacional.

O Partido dos Trabalhadores do Paraguai, partido político com o qual o PSTU mantém fraternais relações, participou da mobilização e definiu uma série de reivindicações. Leia aqui os principais trechos da declaração política onde o Partido dos Trabalhadores faz um chamado à formação de um movimento político de oposição.

"Os milhares de jovens, camponeses e trabalhadores que lutaram nas ruas nas jornadas de março, protagonizaram uma espontânea e autêntica revolução em defesa das liberdades democráticas.

Lamentamos profundamente a morte de quase uma dúzia de compatriotas e de 700 feridos e desaparecidos nos enfrentamentos com a polícia e os grupos armados do oviedismo.

A luta não acabou. Das jornadas de março surgiu um "governo de unidade nacional". Esse governo representa aqueles que exploram diariamente os trabalhadores, camponeses e o povo do nosso país.

Não à impunidade! Todos aqueles responsáveis pelo assassinato do vice-presidente Luis Argaña e pelo massacre da sexta-feira 26 de março, devem ser julgados e punidos.

Perante esta situação propomos:

— continuar em alerta, vigilantes e mobilizados, para combater e derrotar definitivamente o projeto oviedista-fascista.

— não depositar nenhuma confiança neste "governo de unidade nacional".

O PT chama todos os jovens que lutaram nas jornadas de março e os que apoiaram essa luta, os trabalhadores da cidade e do campo, os dirigentes das associações de bairro, de vizinhos, sindicatos, federações e centrais operárias e camponeses, para construírmos um Movimento Político de Oposição ao governo que lute pelas reivindicações do povo pobre.

Precisamos de um Movimento que lute pela extradição imediata de Oviedo-Cubas para que sejam julgados pelos seus delitos junto com todos os responsáveis, enviados à prisão e para que todos os seus bens sejam expropriados para indenizar as vítimas.

Precisamos de um Movimento que lute por eleições gerais, para eleger ao mesmo tempo todos os cargos e de uma vez por todas tirar os oviedistas dos seus mandatos.

Precisamos de um Movimento que lute por um novo país, no qual os trabalhadores da cidade e do campo, os jovens e as mulheres, todos aqueles que hoje estão marginalizados, tenham acesso a uma vida digna.

abril de 1999, Assunção

Comitê Executivo Nacional do PT

Paraguai	
Capital	Assunção
Idioma	Espanhol (oficial), Guarani (maioria da população)
Moeda	Guarani
População	5,1 milhões (1997)
População urbana	53%
Governo	república presidencialista
Analfabetismo	7,9%
PIB	US$ 7,743 bilhões
Força de trabalho	2 milhões
Renda per capita	US$ 1.690
Dívida externa	US$ 2, 288 bilhões
Desemprego	8,5% (1994)

B Á L C Ã S Clinton e Otan querem destruir Iugoslávia para evitar invasão por terra

Bombardeios agravam tragédia

Marcelo Barba,
da redação

Na semana passada, o presidente dos Estados Unidos, Bill Clinton sofreu uma derrota dentro de casa. O Congresso norte-americano não aprovou a Operação Força Aliada, nome dado pela Otan à destruição da Iugoslávia. A votação terminou num empate, 213 a favor e 213 contra.

Este empate representa as preocupações que começam a crescer sobre o envio de tropas para uma invasão de Kosovo. O Congresso também decidiu que o presidente Clinton só poderá iniciar uma ofensiva terrestre com a permissão dos deputados. Clinton reagiu afirmando que os bombardeios continuarão mas que discutirá com o Congresso o uso de tropas terrestres.

Após mais de um mês de bombardeios ininterruptos, a infra-estrutura da Iugoslávia já está quase toda destruída, mas a limpeza étnica ainda continua. Em mais uma tentativa de derrotar Milosevic, a Otan decretou um embargo de petróleo ao país. Isto poderá levar a um avanço do conflito para a outra república que compõe a Iugoslávia, Montenegro.

O embargo foi aprovado por todos os países fronteiriços da Iugoslávia e a única forma de entrada do petróleo vindo da Rússia (que não aderiu ao boicote) é o porto montenegrino de Bar no Mar Adriático. O presidente desta república, Milo Djukanovik, tenta ganhar o apoio dos países ocidentais e aderiu ao boicote. O ministro da Economia de Montenegro pediu que o boicote não atinja o país e que mais desestabilização poderia levar a uma guerra civil. O problema é que a maioria do exército estacionado em Montenegro é leal a Milosevic. Qualquer tentativa de evitar o envio de petróleo a Belgrado poderá resultar numa guerra entre as duas repúblicas.

Apesar de afirmar que a invasão terrestre ainda não está descartada, o imperialismo está apostando alto no estrangulamento econômico da Iugoslávia e na continuidade dos bombardeios. Houve uma ofensiva diplomática da Rússia que não conseguiu nenhum resultado até o momento. O grande entrave para um acordo é a imposição da Otan de uma força de "paz" em Kosovo e a completa retirada das tropas sérvias da região. Milosevic somente aceita uma missão desarmada da ONU e que não conte com membros dos países agressores.

Associated Press

Ruinas de um predio na Sérvia após bombardeio da Otan

Crise e divisões na Iugoslávia

A destruição causada pelos ataques da Otan à Iugoslávia começa a colocar Milosevic numa situação delicada. As divisões entre Sérvia e Montenegro são um exemplo disto. Mas dentro do próprio governo, as críticas à política do governo e a demissão do vice-primeiro-ministro Vuk Draskovic, mostram que as coisas não vão bem para Milosevic. A perspectiva de um embargo quase total e da continuidade por tempo indefinido dos bombardeios, podem levar a um aumento das divisões e a uma perda de apoio da população.

Além de Draskovic, o líder do Partido Democrata, Zoran Djindjic, também começa a criticar a política do governo. Sem esquecer o fato dos dois serem tremendos oportunistas que querem ocupar o cargo de Milosevic se ele cair, é evidente que começa a existir uma base de sustentação para estas críticas. Nenhum dos dois teria coragem de atacar o presidente e sua política há poucas semanas quando o apoio da maioria da população era total.

As suas posições representam uma capitulação total ao imperialismo. Eles, hoje, defendem a submissão da Sérvia às reivindicações imperialistas por que "eles são os donos do mundo" e não há nada a fazer, ou seja, falam exatamente o que a Otan quer ouvir. A imprensa mundial já começa a chamar Draskovic de alternativa. (M.B.)

NOSSA OPINIÃO

Otan prepara divisão do Kosovo

O ataque da Otan contra a Iugoslávia é um ataque contra todos os povos do mundo. A postura do imperialismo frente à luta nacional do povo kosovar também é um ataque à luta por autodeterminação nacional em geral. O imperialismo avança na destruição total da infra-estrutura da Iugoslávia, abrindo espaço para uma dominação política e econômica. Os planos de "divisão" de Kosovo revelados na última semana mostram bem quais são os verdadeiros objetivos do imperialismo nesta guerra.

Os discursos humanitários não escondem a matança generalizada, chamada de "danos colaterais", pelos porta-vozes da Otan. Os bombardeios estão a serviço de um processo de enfraquecimento, fragmentação e subordinação de todos os povos da região.

A necessidade de uma luta unitária dos trabalhadores e da juventude da região contra os planos imperialistas esbarra num problema central: o papel de suas direções. Milosevic usa o prestígio ganho como vítima do ataque da Otan para realizar sua "solução final" ao problema albanês. Centenas de milhares de kosovares ainda continuam sendo expulsos e assassinados pelas forças militares sérvias. Existem duas guerras acontecendo, uma da Otan contra a Iugoslávia e outra do governo sérvio contra os kosovares.

As posturas da oposição sérvia e do governo montenegrino lembram um concurso para eleger o maior lambe-botas do imperialismo. Todos, agora, querem se distanciar de Milosevic apostando numa queda do ditador. Para isso, tentam ganhar as graças das potências ocidentais.

A direção do Exército de Libertação do Kosovo apóia a intervenção da Otan e exige a entrada de tropas em Kosovo. Os dirigentes do exército guerrilheiro abriram mão da independência e aceitam a divisão do país em "zonas de influência" pelas potências ocidentais.

Nós defendemos o direito de autodeterminação de Kosovo e afirmamos que somente a luta do próprio povo kosovar pode conseguir este objetivo. Somos a favor da derrota da Otan, principalmente porque este é uma das principais condições para a conquista da autodeterminação.

Também a derrota, pelos trabalhadores e o povo sérvio, do governo genocida de Milosevic é uma das condições para a unidade dos povos explorados dos Bálcãs na luta contra as mazelas sociais que virão juntas com a recolonização que o imperialismo pretende impor na região.

Mapas ao lado, mostram hipóteses de divisão do Kosovo "estudadas" pela Otan. Região seria retalhada em zonas de influência das potências capitalistas

MOVIMENTO

Metalúrgicos da GM recuperam perdas

Américo Gomes,
de São José dos Campos

Arquivo

Quando Vivaldo Moreira, diretor do Sindicato dos Metalúrgicos, começou a percorrer as seções e alas da General Motors de São José dos Campos convocando os trabalhadores para a assembléia que iria se realizar no pátio da empresa, ele sentiu um ânimo diferente nos trabalhadores.

Praticamente não houve resistência à participação na assembléia. A maioria saía dos vestiários e ia para o estacionamento da empresa, onde o sindicato havia colocado o caminhão de som. *"É claro que sempre existem aqueles que resistem, por que 'pelego' é que nem barata, tem em todo canto"*, disse Vivaldo.

O que ninguém esperava naquela madrugada do dia 19 de abril, é que a greve da GM terminasse em uma importante vitória dos trabalhadores, podendo até tornar-se em uma referência.

A verdade é que os trabalhadores radicalizados pela superexploração que estão sofrendo e pelas ameaças constantes de demissão, quando tiveram que decidir entre greve de 24 horas, 48 horas ou por tempo indeterminado, aprovaram por maioria a paralisação de 48 horas.

Com a disposição de luta que ficou demonstrada na assembléia, nas negociações que houveram no dia 22, após a greve de 48 horas, a patronal foi obrigada a sinalizar com uma proposta: reposição das perdas de 1998 mais metade da inflação acumulada nos últimos três meses, dando um índice total de 4,52% de aumento salarial e mais um abono de 45 horas a ser recebido no dia 10 de maio.

Como disse Luís Carlos Prates, o Mancha, metalúrgico da GM e membro da direção da Confederação Nacional dos Metalúrgicos da CUT, *"Em todo o país, e particularmente no ABC, estamos vendo ameaças de demissão, propostas de banco de horas, redução de impostos, renovação de frota. Por isso a General Motors de São José inverteu esta tendência. Chega de perder! É necessário que os trabalhadores parem de pagar pela crise, temos de lutar é por reposição de perdas, por gatilho salarial e pela aumento de acordo com a inflação. Tenho certeza e confiança que os trabalhadores das montadoras em todo o Brasil seguirão nosso exemplo"*.

Empresa tentou arapuca

A direção da GM ainda tentou montar uma arapuca para os trabalhadores.

Após fazer as propostas salariais já citadas, ela vinculou o abono de R$ 251, igual ao que havia sido dado aos trabalhadores da GM de São Caetano, à aceitação por parte dos operários da "hipótese teórica" do famigerado *lay off*, ou demissão temporária.

Vivaldo conta que *"apesar do Sindicato sempre ter sido contra a demissão temporária e nunca ter assinado um acordo nesse sentido, nós tivemos medo de que os trabalhadores desta vez aceitassem esta proposta em troca de um abono de R$ 251 reais, pois a situação está ruim para todo mundo. Mas não. Ficamos felizes e surpresos quando mais da metade da fábrica reprovou a proposta da empresa. Não vamos ter o abono de R$ 251, mas aqui também não passou a demissão temporária. Depois vamos atrás desse abono, com mais luta, mobilização ou greve"*.

Aqui você encontra o PSTU

Sede nacional: R. Loefgreen, 909 - Vila Clementino - São Paulo - tel (011) 575-6093

Alagoinhas (BA): R. Anézio Cardoso - Ed Azi sala 105

Aracajú (SE): R. Acre, 2309 - bairro Siqueira Campos - CEP 49075-020

Belém (PA): Serzedeio Corréa, 82 - Batista Campos

Belo Horizonte (MG): R. Carijós, 121, sala 201 - tel (031) 213-3316
Av. Afonso Vaz de Melo, 249 - Barreiro - E-mail: pstumg@net.em.com. br

Brasília (DF): SCLRN 706 - Bloco C - Loja 46 - Asa Norte - CEP 70740-513

Diadema (SP): Praça dos Cristais, 6 sala 3 - Centro

Florianópolis (SC): Av. Hercílio Luz, 820 - Centro

Fortaleza (CE): Av. da Universidade 2333 - Centro - tel (085) 221-3972

Goiânia (GO): (062) 225-6291

Macapá (AP): Av. Presidente Vargas, 2652 - Bairro Sta. Rita

Maceió (AL): R. Inácio Calmon, 61 - Poço - tel (082) 971-3749

Manaus (AM): R. Emilio Moreira, 821- Altos Centro - tel (092) 234-7093

Natal (RN): Av. Rio Branco, 815 Centro

Nova Iguaçu (RJ): R. Cel. Carlos de Matos, 45 - Centro

Ouro Preto (MG): R. São José, 121 Ed. Andalécio - sala 304 - Centro

Passo Fundo (RS): R. Tiradentes,25 - Centro - CEP 99010-260

Porto Alegre (RS): R. Salgado Filho, 122 - Cjto. 51 - Centro

Recife (PE): R. Leão Coroado, 20 - 1° andar - B. da Boa Vista - tel (081) 222-2549

Ribeirão Preto (SP): tel (016) 637-7242

Rio de Janeiro (RJ): Travessa Dr. Araújo, 45 - Pça da Bandeira - tel (021) 293-9689

São Bernardo do Campo (SP): R. Marechal Deodoro, 2261

São José dos Campos (SP): R. Mario Galvão, 189 - Centro - tel (012) 341-2845

São Leopoldo (RS): R. São Caetano, 53

São Luís (MA): tel (098) 246-3071

São Paulo (SP): R. Nicolau de Souza Queiroz 189 - Paraíso - tel (011) 572-5416

Terezina (PI): R. Olavo Bilac, 1709 - Centro-sul - tel (086) 221-0441

Nosso E-Mail é:
pstu@uol.com.br

Filie-se ao PSTU

Companheiro, não fique fora dessa. Estamos em campanha de filiação para fortalecer o partido que luta para construir uma alternativa socialista e revolucionária no país. Venha ao partido que está na luta pelo Fora FHC e o FMI. Filie-se, participe das atividades do PSTU e receba em casa o Opinião Socialista.

Não deixe para depois

Ainda está a venda o número 2 da revista Outubro, uma publicação do Instituto de Estudos Socialistas. Se você ainda não tem o seu exemplar, compre-o logo, pois o número 3 já está a caminho.

Você pode comprar a revista com o companheiro que lhe vende este jornal, ou nas sedes do PSTU, ou ainda encomendá-la através do telefone (011) 575-6093 e pelo e-mail: pstu@uol.com.br. O preço da revista Outubro é R$ 8.